

SUBVERTER O OUTRO CATÓLICO: ESTRATÉGIAS DE REPRESENTAÇÃO E O 'EFEITO DO REAL' NO PANFLETO ANTI-CATÓLICO *THE ANATOMY OF THE ENGLISH NUNNERY AT LISBON IN PORTUGAL* (1622), DE THOMAS ROBINSON¹

Rogério Miguel Puga
Universidade Nova de Lisboa
CETAPS

Em 1622 o mercador e panfletista protestante Thomas Robinson (*fl.* 1622), possivelmente oriundo de King's Lynn (Norfolk), publica a sua única obra, o panfleto anti-católico sobre o convento brigantino inglês de Lisboa *The Anatomy of the English Nunnery at Lisbon in Portugal: Dissected and Laid Open by one that Was Sometime a Younger Brother of the Convent (AENL)*, que seria republicado em 1623, 1630, 1637, 1662, 1731 e 1916. Como a obra demonstra, a partir do século XVI, os conspiradores e vilões católicos são considerados inimigos dos interesses e do progresso da Inglaterra,² fazendo esses 'definitional others' (Parker et al. 5) parte do imaginário literário coevo (Dolan, *Whores of Babylon* 3-4; Marotti *Religious Ideology* 2,32; Álvarez-Recio 1-3), sobretudo nas obras que fazem parte da *Protestant imaginative writing* (Shell, *Catholicism* 1-2). Como já afirmámos (Puga, no prelo), *AENL* parodia e carnavalesca a vida e os votos religiosos das freiras e dos frades brigantinos ingleses

¹ Versão desenvolvida de uma secção que apresentei na 24.^a Conferência Internacional SEDERI: *Charting Early Modern Culture: Seascapes, Landscapes, Mindscales*, organizado pela Sederi (Spanish and Portuguese Society for English Renaissance), na Universidade de Huelva (Espanha), em 15 de Março de 2013.

² Sobre o papel do anti-catolicismo na formação da identidade nacional inglesa, vejam-se: Colley (309-329); Marotti ed. (*Catholicism*); Marotti (*Religious Ideology*); Shell (2006) e Corens (2011).

que residiam no Convento de Santa Brígida das Inglesas, em Lisboa, tendo esse texto dado origem a uma resposta imediata por parte da comunidade visada, a *Answer* da autoria do padre Foster (2006), que estudaremos oportunamente.

Ao longo do presente estudo ocupamo-nos sobretudo das estratégias narrativas e dos temas/estereótipos de que o autor se serviu para veicular a sua ideologia religiosa e política e para convencer o leitor protestante de que está perante um texto de cariz realista que, por sua vez, subverte propositadamente a vida religiosa e a espiritualidade dos frades e freiras ao textualizar essa comunidade através do chamado 'efeito do real', que é também um constructo literário utilizado para criar outro efeito, o da 'veracidade histórica'.

In/outsider: o panfletista-mercador Thomas Robinson

Pouco se sabe sobre Thomas Robinson. Os autores de panfletos eram normalmente oriundos da classe média e educados em universidades ou Inns of Court. Os leitores seriam tendencialmente aprendizes, artesãos, mercadores e nobres (Halasz 14-15; Raymond 58-59, 97; Álvarez-Revio 170). O próprio Robinson (narrador) confessa que estudou na Universidade de Cambridge, às custas de Thomas Gurlin, *mayor* de King's Lynn, a quem a obra é dedicada. O autor é provavelmente o mesmo Thomas Robinson que se matriculou no Emmanuel College em 1609, instituição cujo ambiente se coaduna com o fervor puritano da cidade de King's Lynn. Robinson decide abandonar os estudos e embarcar, acabando por residir temporariamente na Irlanda e em Portugal. Um Thomas Robinson casou com Anna Buxton em 1646, na capela de St. Nicholas, de King's Lynn (Middleton 46; Sheils 409-410). De acordo com *Answer*, a resposta do padre Joseph (Seth) Foster, o décimo-segundo confessor geral da comunidade exilada de Sião, ao panfleto de Robinson (Foster 95-100), quando este chegou a Lisboa em 1616 (vindo da Irlanda) afirmou ser católico e que abandonara a Universidade de Cambridge, então repleta de 'heresias', para procurar o seu tio, um padre que o convertera ao catolicismo, auto-caracterização que poderá ter sido um estratégia para Robinson ser aceite e auxiliado no convento. Father Foster revela que o panfletista permaneceu na instituição lisbonense dezois meses e não dois anos e meio, como o panfleto afirma. De acordo com o relato ficcional de Robinson, Foster persuadiu o narrador autodiegético a residir no convento como secretário e padre, mas este último acabaria por fugir para denunciar,

tal como Thomas Becon (273) em *The Displaying of the Popish Masse* (1637), os pecados e a falta de espiritualidade das freiras e dos frades católicos. A *Answer* também revela que o autor do panfleto, depois de abandonar Cambridge, deixou a Inglaterra na companhia do capitão John Pennington e de oitenta marinheiros para tomar barcos espanhóis ao largo das Canárias. A tripulação viaja para a Irlanda, onde é presa e os seus bens são confiscados. Ao ser libertado, Robinson reside em Galway durante três meses e é sustentado pelo capitão Richard Browning até viajar para Lisboa. Durante a expedição, o panfletista planeia roubar a embarcação do seu protector, e uma vez em Portugal esconde-se no convento, talvez para evitar ser preso, até conseguir regressar a Inglaterra. Esta versão (católica) das 'piratarías' de Robinson³ é apresentada pelo Father Seth na sua *Answer* ao panfleto-ataque, e poderá ser tão fictícia como o conteúdo de *AENL*.

O exílio brigantino: a comunidade religiosa visada e o contexto (ideológico) de produção do panfleto

A comunidade religiosa (real) que é atacada no panfleto já foi estudada, sobretudo no Reino Unido (Aungier 1840; Fletcher 1933; Johnston 1964; Anónimo, *História dos Mosteiros* 391-403; Santana 466-467; Spear 2005; Jones e Walsham 2010), pelo que não nos deteremos nas suas origens e nos seus percursos geográfico-espirituais. As irmãs e os irmãos brigantinos abandonam a Inglaterra em 1539, estabelecem-se primeiro na Flandres e posteriormente na França. Quando Ruão é invadida por Henrique de Navarra, em 1594, a comunidade exilada parte, por mar, para Portugal, então sob domínio filipino, e chega a Lisboa em Maio, trazendo consigo as suas "Reliques, Rules & Monuments, Service books, Choir books, Libraries, Bulls, Records & Church furnitur of Sion" (Jones e Walsham 179). As 'inglesinhas' hospedam-se durante algum tempo no Convento da Esperança até que em 1599 se instalam no sítio do Mocambo, numa casa que lhes fora oferecida, em testamento, por Isabel de Azevedo, surgindo assim o Convento do Quelhas das Religiosas de Santa Brígida (na Rua das Inglesinhas/Calçada das Inglesas, actual Rua do Quelhas), que seria destruído por um incêndio

³ As nossas referências a Robinson daqui em diante reportam-se ao narrador autodiegético/autor auto-textualizado, também representado visualmente nas ilustrações do panfleto, e não a Robinson enquanto figura histórica.

em Agosto de 1651, juntamente com a Igreja de São Salvador de Sião e parte do arquivo da Ordem. Nesse mesmo ano inicia-se a construção do novo Convento das Inglesinhas, para onde estas se mudam cerca de cinco anos depois (Alves e Infante 8, 23; Almeida 189). Este foi o primeiro convento inglês a 'estabelecer-se' em Portugal, sendo as novas regras da Ordem estabelecidas em 1607; aliás, Syon House foi a única instituição monástica inglesa que sobreviveu desde 1594 até que, em 1598, uma casa beneditina foi fundada em Bruxelas. Curiosamente, pouco depois de a obra de Robinson ser publicada, um outro convento católico inglês é fundado em Cambrai (1623), e antes de 1630 mais oito surgem na Europa. Em Lisboa, as freiras reuniram 12 retratos de monarcas ingleses através de contactos com outras instituições inglesas na Península, nomeadamente o Colégio Inglês de Sevilha. Esses presentes de outras instituições demonstram quer o estatuto e a imagem pública do convento – ao contrário da imagem que, como veremos, Robinson veicula –, quer os fortes laços dessa casa com Inglaterra (Williams, M. 123-124, Bowden 186), realidades propositadamente ignoradas no panfleto. Até 1695 – ano da morte do último irmão, George Griffith, 17º Confessor Geral – cerca de 27 homens juntaram-se à comunidade religiosa do convento (Bowden 187). Em 1809, durante a Guerra Peninsular, algumas freiras regressam a Inglaterra, e no ano seguinte as que permaneceram em Lisboa mudam-se temporariamente para o convento do Bom Sucesso, enquanto o delas funciona como hospital para militares ingleses (Santana 466, De Hamel 130-132), e não sendo (enquanto membros de uma ordem britânica) abrangidas pela extinção de 1834, permanecem em Lisboa até 1861, quando doze freiras vendem os bens da Ordem e regressam finalmente à Grã-Bretanha, mais de trezentos anos depois do exílio inicial.

As instituições católicas inglesas no continente (Bélgica, França, Península Ibérica) tiveram um papel importante quer na construção da identidade católica inglesa (Bainbridge 26), embora desde o estrangeiro, quer na expressão do inconformismo católico e na formação de jovens freiras e frades/padres que auxiliaram a missão anti-protestante, tornando-se essas jovens religiosas “women of God and arms” (Warren 141-49) ao demonstrar que o exílio era também uma forma de martírio (Highley 24). Com o apoio do rei espanhol, essas comunidades abrem instituições na Península Ibérica, nomeadamente em Valladolid (1589), em Sevilha (1592) e em Madrid (1598), contribuindo para a formação de uma hispanofobia generalizada a que se deu o nome de ‘lenda negra espanhola’ (Maltby 1971; Forse 13-33; Highley 156-168, 191). *AENL* surge assim na década em que são

fundados mais conventos ingleses na Europa (Walker *Gender* 398), fenómeno que, por sua vez, dá origem a um maior número de publicações anti-católicas em Inglaterra, nomeadamente panfletos como o de Robinson, armas eficazes contra o inimigo ‘papista’, tais como os sermões dominicais e as publicações periódicas que influenciavam a opinião pública (Clark 1983; Raymond 11-25; Álvarez-Recio 45-51). *AENL* é publicado num momento crítico das relações anglo-ibéricas, nomeadamente durante as negociações para uma aliança dinástica (casamento) entre Carlos, príncipe de Gales (1600-1649), futuro Carlos I, e a Infanta Maria Ana de Espanha (1606-1646), sendo um dos objectivos da narrativa recordar os leitores protestantes dos perigos e ameaças católicas, bem como das inúmeras estratégias subversivas dos ‘papistas’ contra os interesses da nação inglesa.

Convencer o leitor protestante a odiar o inimigo ‘papista’: o panfleto de cariz realista, as estratégias literárias e o ‘efeito do real’

AENL é publicado por dois conhecidos editores protestantes, Robert Milbourne (c.1596-1642) e Philemon Stephens (1600-1670), num momento crucial das relações anglo-espanholas (1622-1623), o abrandamento na perseguição dos católicos devido às negociações para a união dinástica entre Carlos, príncipe de Gales (1600-1649), futuro Carlos I, e a infanta Maria Ana de Espanha (1606-1646), o chamado ‘Spanish Match’. As facções a favor e contra o casamento tentam influenciar a opinião pública (Maltby 1971; Redworth 2003) e, face à possibilidade do casamento, até as freiras decidem agir em seu próprio benefício e escrevem à infanta a pedir-lhe que as autorize a regressar após o matrimónio (transcrição do documento em De Hamel 11-22). Em Inglaterra, o medo do regresso do catolicismo era transmitido através de obras como *Catholicon*, de Wilett (1602), *Great Britain’s Great Deliverance, from the Great Danger of Popish Powder*, de William Leigh (1606), e *A Worthy Speech*, de Thomas Abernathie (1641), enquanto o receio de mulheres católicas (esposas ou mães) e da educação católica marca presença em obras como *The Popish Royal Favourite*, de William Prynne (1643), *The English Pope* (1643) ou *Vindicae Caroli Regis* (1645). Entre 1620 e 1624 várias obras protestantes advogaram a rejeição de alianças com a ‘whore of Babylon’ (Roma) e criticaram quer o casamento anglo-espanhol, quer a simpatia crescente para com Roma, a saber: *Vox Populi* (1620), de Thomas Scott, *Judah Must into Captivitie* (1622), de Thomas Jackson,

A Peace-Offering to God (1623), de Samuel Ward, *Oratio* (1623), de George Vaughan, *Gratulatio Academiae Cantabrigensis* (1623), *Mystical Babylon* (1624), de Theophilus Higgons, *Neptune's Triumph* (1623-24) e *The Fortunate Isles* (1625), de Ben Johnson, *A Heartie Prayer in a Needful Time* e *Anagramma Regis* (1625), *An Exposition upon the Lord's Prayer* (1628), de Henry King, e *England's Hallelujah*, de John Vicars (1631). O objectivo de *AENL* é, para além de recordar os leitores dos perigos e estratégias subversivas dos católicos contra os interesses da Inglaterra, demonizar o Outro religioso, através da já tradicional temática da misoginia (Underdown 62; Dolan, *Whores* 6-10) e de estereótipos como “a people generally of debauch'd and murderous principles” (Anónimo *Reflections* E2).⁴ Já em 1629 Sir William Moore (I) satirizaria a opulência das freiras, na senda de Scott (1584), Harsnett (V3), Herring (Kv, K2-K2v) e Gainsford (C3), enquanto em 1645 Samuel Torshel (205) criticaria as “Popish Ladies [whose] praying beads [were] as rich as their neck-laces and bracelets, and their crucifixes made into Jewels”. O imaginário do panfleto tira, assim, partido de uma elaborada rede de imagotipos, estereótipos e temas da tradição literária protestante de que Robinson se serve para caracterizar, de forma realista, para o ‘receptor’ protestante (habituação a essas representações), o Outro religioso, que deverá ser demonizado o mais possível. Há, portanto, todo um imaginário estereotipado a que o leitor protestante tem acesso, servindo a hipérbole e a paródia o propósito de subverter a imagem desse Outro religioso, cujos pecados carnis e depravação são descritos, como já afirmámos, de forma realista, entendendo nós o conceito de realismo tal como David Lodge (*Modes of Modern Writing* 25) o define: “the representation of experience in a manner that approximates closely to descriptions of similar experiences in non-literary texts of the same culture.”⁵ Ao estudar o

⁴ Vejam-se também Willet (1602) e sobretudo Prance (A2v), que, em 1679, avisa: “no defeat can daunt them [Catholics]”.

⁵ David Lodge (*Modes* 25) afirma sobre o conceito de realismo: “For obvious reasons, a verbal text can never be mistaken for the reality it refers to..., the representation of experience in a manner that approximates closely to descriptions of similar experiences in non-literary texts of the same culture... Thus the realistic novel, from its beginning in the eighteenth century, modelled its language on historical writing of various kinds, formal and informal: biography, autobiography, travelogue, letters, diaries, journalism and historiography.” Alguns desses modelos e formas de escrita encontram-se, como veremos, presentes em *AENL*, à excepção da escrita jornalística e da carta. David Lodge (“Analysis and Interpretation of the Realist Text” 5-18 e *The Novelist at the Crossroads* 4), afirma ainda: “a particular mode of presentation which, roughly speaking, treats fictional events as if they were a kind of history, or in a more qualitative sense, to denote

realismo literário enquanto forma de representação, Pam Morris aborda a dificuldade de definir esse conceito e refere a existência desta forma de representação artística desde a Antiguidade Clássica até à actualidade, concluindo que o conceito, ao qual se encontram associados termos como *mimesis* e verosimilhança é incontornável no discurso da crítica literária e acarreta, indissociáveis, uma dimensão cognitiva e estética. O leitor informado cedo se aperceberia de que o universo textualizado por Robinson é um mundo às avessas, mas é provável que parte do público protestante o aceitasse como real, até porque muitas fontes protestantes o textualizam assim, e para esse imaginário 'realista' contribuiria o elevado grau de verosimilhança do mundo possível criado por Robinson. Morris defende ainda que a *mimesis* literária não equivale à realidade que representa e define realismo como "any writing that is based upon an implicit or explicit assumption that it is possible to communicate about a reality beyond the writing" (Morris 9). O referido estudo define ainda o efeito 'empírico' e o 'da verdade' do texto literário, ou seja, todas as técnicas pelas quais a chamada escrita realista parece veicular a existência humana no espaço físico e no tempo cronológico (103-111). Tal como Morris, também Mário Villanueva (xii; Furst 1-27) defende que o realismo tem sido uma constante fundamental na literatura e defende que o texto literário é um constructo não apenas verbal, mas também mimético, não dissociável da experiência humana, levando esse estudioso assim em conta não apenas os aspectos formais e miméticos do romance, mas também a sua recepção pelo leitor, pois a narrativa literária, como o panfleto de Robinson ilustra ao carnavalesco o convento, ao mesmo tempo que cria textualmente o seu mundo referencial interno, também estabelece, através do leitor, um diálogo com o mundo real, o campo externo de referência que cada leitor transporta para o texto.

Embora pela altura da publicação de *AENL* alguns autores ingleses expressassem a possibilidade da fundação de conventos protestantes (Hill 107-130), de acordo com a visão protestante, a mulher deveria tornar-se esposa, pelo que os seus motivos para ser 'noiva de Cristo' foram desconstruídos a partir de 1536 através de obras como *Comperta Monastica*, enquanto *The Anatomy of Melancholy* (1621), de Robert Burton (418), descreve os votos de castidade e celibato das freiras como "odious

a literary aesthetic of truth-telling." Já Michael Riffaterre (xiii-xiv) afirma que a verdade na ficção assenta na verosimilhança, um sistema de representações que parece reflectir uma realidade externa no texto, sendo, no entanto, um fenómeno linguístico.

and abominable”.⁶ Obras como *The Whore of Babylon* (1607), de Thomas Dekker, *The Anatomy of Melancholy* (1621), de Richard Burton, *AENL, Foot Out of the Snare* (1624), de John Gee, *A Letter to a Virtuous Lady to Dissuade her from her Resolution of Being a Nun* (1686)⁷ e traduções de textos anti-católicos como *Venus in the Cloister* (1638) ridicularizam a falta de castidade e de autonomia das freiras, bem como a hipocrisia dos frades manipuladores. Esses dois estereótipos são comumente utilizados para caricaturar a decadência católica, para avisar os ingleses contra as conspirações estrangeiras e para exortar à luta contra os “common adversaries the Papists” (Rogers 42) através de obras como *Antichrist Arraigned* (1618), de Thomas Thompson, *A Mapped Rome* (1620), de Thomas Taylor, *Ephesus Backsliding* (1621), de John Prideaux, *The Pope’s Deadly Wound* (1621), de Thomas Clarke, *The Purple Island* (1633), de Phineas Fletcher e *Lambeth Faire* (1641), *The Book of Rates now Used in the Sin Custom-House of the Church at the Court of Rome* (1670), *The Pope’s Great Year of Jubilee* (1675) e *The Pope’s Ware-House* (1679), de Titus Oates. Conforme as freiras desapareciam da sociedade inglesa, imagens distorcidas e estereotipadas das religiosas católicas apareciam gradualmente na literatura e na iconografia anti-católica inglesa.⁸ As freiras eram descritas como mulheres licenciosas que se escondiam em conventos no estrangeiro,⁹ cujas paredes não eram representadas como reforços da castidade, mas como barreiras para a vigilância do resto da sociedade. O convento era, assim, um espaço sempre acessível ao pecado vindo do exterior através da porta, da grade removível ou do postigo (Dolan “Why Are Nuns Funny?” 516-517).

Em 1298, o *Periculoso* do Papa Bonifácio VIII prescreve padrões mais rigorosos para a clausura das religiosas, e, enquanto regulamentos anteriores pretendiam fechar as religiosas para as defender da violência do mundo exterior, o *Periculoso* centrava-se na protecção da sua virtude ao isolá-las da tentação sexual.

⁶ Sobre as questões legais relativas ao tratamento de membros femininos da comunidade católica em Inglaterra e no estrangeiro nos séculos XVI e XVII, veja-se Gibbons (55-48).

⁷ A anónima *Letter to a Virtuous Lady to Dissuade her from her Resolution of Being a Nun* (1686) descreve uma freira no interior das “stone-walls” do convento como uma “renegade to Nature... Transgression unto Love”, concluindo: “Virtuous Wives are better than some Nuns”.

⁸ Sobre iconografia anti-católica, inclusive o frontispício de *AENL*, veja-se Jones (146-155).

⁹ Veja-se *The Adamite, or the Loves of Father Rock and his Intrigues with the Nuns* 1683 (Dv-D2).

A necessidade do isolamento das freiras seria reforçada pelo Concílio de Trento (1563), e, como *AENL* demonstra, estas medidas eram altamente satirizadas pela literatura protestante. Se a solidão espelha o exílio do mundo exterior (McHugh 2008), num país estrangeiro como Portugal há um duplo exílio, de Inglaterra e da sociedade local. Panfletos como *AENL* eram também utilizados para dissuadir mulheres inglesas de se juntarem a outras freiras na Europa continental, embora entre 1600 e 1630 cerca de 25 mulheres tenham entrado no convento de Lisboa, por exemplo Ann (Bridget), Lucy Browne (que professou em 1614), ambas listadas na secção-elenco final de *AENL* (“The Nunnes of the House” 31-32), duas irmãs holandesas e três portuguesas. A referida lista demonstra que mulheres portuguesas eram recrutadas como forma de obter patronos e fundos locais através de dotes. De facto, Leonor de Mendanha (1576-1655), listada como “Briget Mandanha” por Robinson (32), professou em 1602 (como Bridget Mendanha), e era filha de um abastado e influente casal, Jorge Vaz de Campos e Isabel de Mendanha (Machado 551).

Como muitas outras narrativas protestantes, o panfleto de Robinson foi utilizado para construir uma História inglesa protestante e uma identidade em torno de um inimigo religioso estrangeiro, demonstrando de que forma a linguagem e o imaginário religiosos contribuíram para a criação de um conjunto de ideias e representações através do qual a maioria protestante e a minoria católica definiram as suas próprias identidades. Se a religião era a matriz cultural e a principal ‘linguagem’ de análise e a matriz cultural para abordar quase todos os tópicos de então [família, governo, identidade pessoal, casamento, nacionalidade e ética (Shugar 4)], estudos recentes (Rens 441-459) revelam de que forma os encontros entre ingleses de diferentes religiões demonstram a existência de um sentido positivo de *Englishness* que transcende a conhecida formação (negativa) da identidade nacional com base sobretudo na religião. O convento de Lisboa ficcionalizado por Robinson recria, como não poderia deixar de ser, algum nível de *Englishness* ao manter a sua identidade inglesa não protestante dos tempos da pré-Reforma, uma vez que as religiosas se viam como católicas inglesas no exílio à espera de regressar a casa, pelo que era importante manter também, e até certo ponto, a identidade original de “little self enclosed Englands that shut out to foreign cultures around them” (Highley 183). As freiras perseguidas sentiam que poderiam ajudar a restaurar o Catolicismo na Inglaterra, enquanto os con-

ventos educavam crianças católicas inglesas¹⁰ e se tornaram espaços fulcrais de culto religioso e de identidade comunitária entre os *recusants* exilados (Walker 14-15, 38). Torna-se, portanto, essencial para os autores protestantes ridicularizar essas instituições, e a distância do convento da Inglaterra e da sociedade local facilitou esse processo. Em parte, é também esse sentido de identidade nacional que leva o narrador de *AENL* a aconselhar os familiares das freiras que vivem na Inglaterra a resgatarem as pobres mulheres da prisão religiosa de Lisboa. Não é portanto de admirar que o panfleto de cariz realista tenha sido bem recebido pela comunidade protestante inglesa (Middleton, L. M 46), cujos interesses servia, tenha influenciado narrativas como as de James Wadsworth's *The English Spanish Pilgrime* (L), e sido sumariado em várias obras sobre religião britânica e "English nunneries beyond the seas" (Fuller 492-96), tendo sido reimpressa no interior de outras obras em 1684 (Misopapas N3v-N8) e em 1732 (Morgan 325-340). Seis anos depois de *AENL* ser publicada pela primeira vez, Lewis Owen (Ev) também utilizou esse "little Pamphlet" como um texto-autoridade sobre o convento de Lisboa, tal como faria White Kenneth (11), *dean* de Peterborough, em 1715. O mundo possível ficcionalizado (a partir de uma comunidade real 'inimiga') por Robinson seria assim reproduzido sucessivamente como uma descrição fiel do verdadeiro convento e dos religiosos católicos exilados, sobretudo na literatura protestante. O conceito de 'mundos possíveis', que, de acordo com David Herman, designa uma categoria mais abrangente do que a expressão 'mundos ficcionais',¹¹ auxilia a nossa

¹⁰ Não foram apenas Ordens religiosas inglesas que fugiram para Portugal após o reinado de Henrique VIII, também da Irlanda viajaram até Portugal as freiras da Congregação das Religiosas Dominicanas Irlandesas, que viriam a fundar o Colégio do Bom Sucesso. De acordo com Caeiro (85) e o actual *site* desse Colégio, o referido convento foi fundado na primeira metade do século XVII, após a chegada do padre irlandês Daniel O'Daly (Dominic of the Rosary) por volta de 1630, cuja missão era fundar uma comunidade religiosa que pudesse receber os filhos dos nobres cristãos do seu país, então perseguidos pelos protestantes. O'Daly fundou, para os rapazes, a Comunidade do Corpo Santo e empenhou-se no sentido de criar um Convento para raparigas, que abre portas a 12 de Novembro de 1639, tornando-se o primeiro convento feminino de dominicanas irlandesas no mundo (cf. <<http://www.colegiobomsucesso.pt/historia-do-colegio>>, acesso em 25-09-2013).

¹¹ David Herman (22) recorre a este conceito, também abordado por Volli (123-148); Eco (5-72); Bradley e Swartz (1979); Ishiguro (64-76); Pavel ("The Borders of Fiction" 83-88 e *Fictional Worlds* 50) e Doležel (*Possible Worlds*), que utiliza a ideia de "possible-worlds semantics of fictionality" ("Mimesis" 475-496). Já Harshaw (227-251) prefere o conceito de campo interno de referência ao de mundo possível, pois este último não poderá ser completamente independente dos referentes do campo externo de referência, o mundo real. No caso de *AENL*, o campo interno de referência convoca ficcional e direc-

classificação do panfleto enquanto texto de cariz realista, pois esse texto, ao efabular mundos possíveis, evoca e representa premeditadamente universos ficcionais (Reis 145) com alguns referentes extratextuais explícitos, afirmando Roland Barthes (84-89) que o próprio discurso histórico, à semelhança do chamado romance realista, não produz realidades, mas sim o ‘efeito do real’ na tentativa de esbater as fronteiras entre realidade e ficção. Tomás Albaladejo (58) caracteriza três tipos de mundos possíveis, definindo o segundo como “ficcional verosímil... aquele al que corresponden los modelos de mundo cuyas reglas no son las del mundo real objectivo, pero están construidas de acuerdo con estas”, enquanto Lubomír Doležel (“Fictional and Historical Narrative” 247-273) defende que quer os constructos históricos, quer os ficcionais são ‘mundos possíveis’, encontrando-se os primeiros sujeitos a restrições de índole científica não impostas aos segundos, nos quais *AENL* se insere. Este último autor, reagindo aos estudos de Hayden White, expõe as diferenças entre esses dois mundos, sem negar a interpenetração entre ficção e história, e afirma que o historiador não é apenas um enunciador de significantes, uma vez que a linguagem produz mundos possíveis que remetem para o mundo real (Doležel 255). Como verificamos ao longo deste trabalho, o panfletista imita metodologias, estratégias e temas utilizados por investigadores, nomeadamente historiadores, para criar o chamado ‘efeito do real’ e seduzir-persuadir o leitor da veracidade dos factos que é necessário legitimar através de temas como os manuscritos encontrados que são documentos internos da instituição e, logo, fontes históricas fidedignas, a história das origens da própria Ordem religiosa (historiografia), as testemunhas credíveis que corroboram a versão do narrador-personagem, a extensa lista dos religiosos do convento, que, ao ser fidedigna, se torna o instrumento mais útil na construção da ilusão do real, entre outros artificios a que aludiremos. Entendemos, assim, o conceito de mundo possível como sinónimo de mundo ficcional verosímil.

AENL critica indirectamente os pais que transformam as suas filhas em prostitutas e desperdiçam o seu dinheiro em nome da religião católica, parodiada e carnavalizada (Puga, no prelo) como uma mentira através de um mundo às avessas ficcional habitado por personagens históricas como Rodrigo Lopez (c.1525-1594). O médico judeu português que fora acusado de planear envenenar Isabel I é referido como um dos benfeitores

tamente, desde o título, elementos do campo externo de referência (o convento brigentino de Lisboa).

do convento inglês na França antes de a comunidade se ter mudado para Lisboa. Essa associação também foi feita por Thomas Middleton na sua peça satírica *A Game at Chess* (1624), da qual *AENL* é uma fonte. *A Game at Chess* ataca a religião católica e a corte espanhola e ecoa o texto de Robinson quando Black Knight lê: “Promised also to Doctor Lopez for poisoning the maiden Queen of the White Kingdom, ducats twenty thousand; which said sum was afterwards given as a meritorious alms to the nunnery at Lisbon” (Middleton IV, ii, 116-120). Através de um interessante diálogo intertextual, ambos os textos relacionam vários inimigos de Inglaterra, os Jesuítas, as freiras e os frades exilados e o médico judeu, e através deste último o convento é também associado às temidas conspirações católicas contra a vida de Isabel I. *AENL* menciona ainda outras figuras católicas consideradas perigosas traidoras, tais como o padre Henry Garnet (1555-1606), envolvido no Gunpowder Plot de 1605 e associado a uma das freiras de Lisboa, Josepha (Ann) Bingham (?-1632). Tal como Lopez, os católicos são descritos como exímios envenenadores (26), um estereótipo comum na altura, e esta será talvez a razão pela qual Robinson teria temido pela sua vida quando decidiu escapar do convento. O padre John Vivian – um ex-ministro calvinista de Cornwall que professou em Ruão (1586) e faleceu em Lisboa em 1624 – é também caricaturado ao não revelar sentido de honra e ao exacerbar a má-língua religiosa quando elogia as suas proezas sexuais, bem como as de outros frades (21). O líder dos Jesuítas isabelinos Robert Persons (1546-1610), “the famous Arch-Jesuite Parsons” (14), é desfamiliarizado como o solicitador do convento junto do Papa e como “nuncio apostático, resident in Lisbon” que é subornado e estrategicamente iludido pelo padre Foster. Na realidade, Persons foi um aliado importante das freiras quando a comunidade quis manter o seu ‘legado’ inglês em Lisboa, um desejo inicialmente não concedido pelo arcebispo de Lisboa, mas, como o panfleto de Robinson sugere, Persons e o Papa Clemente VIII intervieram para resolver essa questão (Fletcher 114-118; Guilday 59-60). Persons foi um dos jesuítas mais proeminentes na Inglaterra entre 1580 e 1610, e a sua obra sobre a fundação e o fortalecimento de colégios ingleses no estrangeiro transformaram-no num traidor, bem como o facto de ele ter organizado, com o cardeal William Allen, resistência católica ao regime protestante de Isabel I, sendo a favor da intervenção militar como forma de restaurar o catolicismo em Inglaterra. Depois da chegada das freiras a Lisboa, Persons redigiu o prefácio de um relato sobre a Abadia de Syon desde 1415 e sobre o exílio das religiosas (*Relación que Enviaron las Religiosas del Monasterio de Sion*,

conhecido como *The Wanderings of Syon*, 1594), pelo que não é de estranhar que o jesuíta seja uma personagem secundária em *AENL*, representada como detentora de uma enorme influência política internacional, mas subornada pelo Confessor para ignorar os excessos deste último e permitir-lhe fazer-se passar por “rex” (14) no convento.

Já a personagem literária Father Joseph/Seth Foster é o vilão protagonista de *AENL*, enquanto a figura histórica de Yorkshire que lhe dá origem estudou e ensinou nos colégios ingleses de Ruão e de Rheims, e em Agosto de 1584, quando nenhum irmão havia professado há mais de vinte anos, torna-se o décimo-segundo confessor da comunidade de Syon, cargo que ocupa até 1628. Foster encarrega-se da gestão do convento em Ruão, viaja com a comunidade para Lisboa, prepara a chegada de um irmão leigo e mais três padres que providenciaram serviços espirituais às freiras (Fletcher 112-113). Em 1587, Foster enviou dois irmãos a Espanha para receber a pensão que Filipe II ainda não pagara à Ordem, associando assim o convento de Lisboa à Liga Católica para assegurar protecção às brigittinas. Conforme recorda Walker (“Continuity” 166), a acção de Father Foster foi essencial na mudança da comunidade para Lisboa, pois o Confessor conseguiu permissões das autoridades da cidade e a promessa da pensão de Filipe II. Como veremos, é principalmente a sua influência que é parodiada em *AENL*, uma vez que, depois das *Lisbon Additions* de 1607, Foster é mentor da vida espiritual do convento, *bishop’s deputy* e procurador das freiras com o ‘mundo exterior’, sendo consultado pela abadessa antes da tomada de decisões importantes. Podemos assim concluir que as freiras estavam gradualmente a perder liberdade e autonomia em relação ao Confessor geral (Fletcher 72-122; Ellis 1984; Cunich 74-81), mas decerto não ao nível hiperbólico que o panfleto de Robinson sugere. Father Foster morreu em Lisboa em 24 de Maio de 1628, aos 71 anos, pelo que deveria ter 65 anos quando *AENL* foi publicado e quando o próprio redige a *Answer* ao panfleto. Como vimos, a retórica anti-católica de *AENL* baseia-se assim, até certo ponto, no conceito de identidade nacional religiosa, e, como é sabido, os protestantes ingleses rejeitavam os votos de castidade, desacreditavam a vida monástica, e a sua propaganda reforçava tipos culturais e religiosos negativos presentes no panfleto: o monge mandrião e lascivo e o jesuíta ibérico cruel, sedutor e ardiloso. Essas imagens permitiram aos protestantes caracterizar facilmente o catolicismo como uma força estrangeira demoníaca e corrupta.

Os panfletistas e os seus patronos tentavam atingir o maior número de pessoas através de obras com um elevado cunho

ideológico, pelo que os panfletos combinavam estrategicamente a escrita com elementos visuais (Dolan, *Whores* 26) para influenciar os leitores (Matheson 8), funcionando as ilustrações como vocabulário visual para os iletrados (Álvarez-Recio 2). Os elementos paratextuais visuais da edição de 1623 de *AENL* consistem em três ilustrações e as respectivas explicações, numa introdução para motivar o “indifferent reader” (vii) e na “Epistle Dedicatory” ao mercador Thomas Gurlin (d. 1644), que, entre 1621 e 1634, foi três vezes *mayor* de King’s Lynn,¹² uma cidade portuária conhecida pela sua forte tradição puritana (Capp 233). Não é, portanto, de admirar que o texto de Robinson seja dedicado ao *mayor* da cidade onde a obra viria a ser reeditada em 1916. A dedicatória apresenta Thomas Robinson, que poderá ter nascido em King’s Lynn, como um “sea-man” (iv) a agradecer ao *mayor* da cidade o auxílio financeiro que lhe permitiu estudar em Cambridge antes de ele decidir partir rumo a novos mundos. Os autores puritanos eram aconselhados pelos editores a enviar as suas obras a patronos para pedir permissão para uma dedicatória, e tais dedicatórias indicavam afinidades pessoais, religiosas e políticas entre autor e patrono, especialmente no que diz respeito a tópicos controversos (Peacey 71-72). Os paratextos (*front matter*) de *AENL* ajudam a estabelecer um contrato de leitura entre o autor-texto, o influente destinatário da dedicatória e os leitores protestantes e católicos. Se após a Reforma surge a necessidade de um discurso iconográfico em torno de polémicas religiosas para dar forma (imaginária) aos inimigos religiosos (Shell, *Catholicism* 32), os três elementos paratextuais do panfleto representam tesouros escondidos, grades que se abrem e freiras e frades que se confessam e se escondem no convento em situações eróticas, personagens e episódios esses que são mais tarde descritos no texto principal. *AENL* tira partido de um “voyeuristic impulse” (Highley 189), sugere que a intimidade do confessor facilita as relações sexuais entre frades e mulheres e critica a confissão ao reforçar a ideia da sua inutilidade, pois trata-se apenas de mais uma arma ideológica que os frades utilizam para controlar o sexo feminino. A terceira ilustração mostra o autor-narrador, estrategicamente identificado como “Robinson”, a abrir as cortinas do convento e a mostrar ao mundo o que os religiosos realmente fazem em

¹² Veja-se Hillen (350-355). Na página 345, Hillen refere residentes famosos de King’s Lynn pertencentes à família Robinson (“[who] belonged to the sea-faring, mercantile class”), e pergunta-se se o autor pode ser o mesmo Robinson que foi *freeman* (1647) e *mayor* da cidade (1667).

segredo, enquanto ele grita, qual timoneiro da verdade, usando o imperativo: “behold”, que é também a primeira palavra do paratexto visual seguinte, que, por sua vez, revela obscenos vícios católicos: “The Explanation of the Picture on the Title” (ii). Esta secção do texto contém as legendas (de A a I) das nove cenas nas três ilustrações do frontispício e, logo, relaciona o vocabulário visual com o texto principal. O confessor e uma freira estão sentados em lados opostos da grade do convento, no entanto, o casal – “disobedient” e “dissembler” – rapidamente abre a grade para se entregar a prazeres carnisais, pois “Friars have power silly Nuns to charm...There’s nothing in a Nunnery amisse...they collude, and doe poore silly Novices delude” (ii). Já a conclusão do paratexto defende a Inglaterra dos seus inimigos: “Thus they have reason England to deride,/They doe indeed faire chastity professe./Obedience, poverty, and seeme no lesse: But God doth know, and Robinson can tell,/All is a beastly falshood in this Cell” (ii). O mundo católico e as vocações da educação, oração e castidade das freiras são visualmente representados às avessas através do tópico da grade que se abre facilmente e que assim se assume mais como um espaço-ponto de comunicação com o mundo exterior e de contactos sexuais do que como um símbolo de reclusão.

O convento é o principal macro-espaço da acção do texto e divide-se em micro-espaços fechados como as celas, os quartos, o jardim e os refeitórios, onde a moral não é respeitada. Aquilo a que poderíamos chamar ‘rhetoric of enclosure’ (McAvoy 2008) da narrativa mostra de que forma as freiras são encarceradas no interior do convento e associa o espaço masculino do edifício à traição, má-língua, manipulação e ao sexo, especialmente a escura “private house of iniquity” (16) do Confessor, na qual as freiras se tornam escravas deste, imagotipo também presente, por exemplo, na ilustrações de *A Crystal Glass of Christian Reformation* (1569),¹³ de Steven Bateman, – que, tal como *AENL*, também ataca objectos católicos –, e em *News Discovered, in a Pleasant Dialogue betwixt Papa the False Pope, and Benedict an Honest Friar, Showing the Merry Conceits which the Friars have in their Cloisters among Handsome Nuns, and how the Pope Complains for Want of that Pastime, with the many Shifts of his Friends in England* (1641), de Thomas Herbert.

O início da narrativa de Robinson descreve as negociações diplomáticas da comunidade com o Bispo de Lisboa, que, por

¹³ Vejam-se também Richard Sheldon 1616 (X2v) e Abernethie 1638 (C2r-v).

sua vez, teme os estrangeiros e estranha que frades e freiras vivam sob o mesmo tecto, fazendo essa mesma partilha do espaço fechado, bem como o celibato, que seja mais fácil ao autor subverter a imagem dos religiosos e caracterizá-los como lascivos. A imagem das freiras completamente subjugadas a “sacrilegious” frades é estrategicamente repetida ao longo da narrativa para reforçar a condição dessas “silly seduced women” (14), dignas de pena, enquanto o sugestivo par de adjectivos usado pelo narrador caracteriza os protagonistas masculinos como predadores sem piedade e as mulheres como vítimas. Embora a abadessa e o confessor geral fossem figuras maternais e paternais para toda a comunidade e zelassem pela sua vitalidade espiritual (Ellis 1984), o panfleto subverte essas figuras ao apresentá-los como mestres corruptos e déspotas.

Robinson sugere que até à publicação do seu texto as freiras não poderiam ter recebido ajuda do mundo exterior e eram manipuladas para estarem constantemente umas contra as outras, para que se odiassem e fossem incapazes de se libertar. No entanto, com base na consulta de fontes históricas e de estudos historiográficos sobre a comunidade, podemos afirmar que o panfleto não reflecte a realidade, pois não há referências nesses documentos ao desrespeito pelas regras da Ordem ficcionalizada por Robinson (Bowden 185), e, como é sabido, a comunidade sempre gozou de boa reputação. Em 1672-1673, o capitão James Jenefer visitou Lisboa e afirmou que as freiras inglesas são estimadas por portugueses e estrangeiros e todos as elogiam “for their piety and sobriety... the three English fathers ... are honest good fellows..., whose happiness in living so pleasantly would almost prevail with one to turn Catholic were it not for the burden of the old song ‘The Devil a monk was he’” (Page 24), e em 1775 Richard Twiss (32) descreve-as como “chatty and entertaining”, informando: “the grate was between me and them”. Já o viajante italiano Giuseppe Marc’Antonio Baretti (Joseph Baretti) ao descrever a sua viagem por Portugal nos anos da década de 1760 informa o destinatário das suas missivas que a reputação “of this little community was never sullied in the least ever since their establishment” (196). As fontes portuguesas veiculam a mesma imagem das freiras, que desde 1594 são “grande exemplo, pello retiro que tem de tracto humano, porque como aqui nam tem parentes nem conhecimento de quem as possa distrair das obrigações religiosas, tratam somente de comprimento dellas, e assim em tudo edificam muyto a todos” (Anónimo, *História dos Mosteiros* 403). Aliás, Anthony Knivet, um aventureiro inglês que adoeceu e talvez tenha estado na *English nunnery* em 1599, descreve a atenção extremosa e o

auxílio que recebera de uma freira inglesa (muito provavelmente brigitina) em Lisboa: “I fell very sicke... my misery great, and had beene a great deale greater, had it not beene for a vertuous English woman, which I met whithall in a Nunnery, and in that time I was there, shee made her approbation” (243). O viajante inglês descreve assim a virtude das freiras inglesas cinco anos depois de estas se terem estabelecido em Lisboa, caracterização que, tal como a presente nas fontes que acabámos de citar, descredita o panfleto de Robinson.

O conteúdo e o objectivo do texto são claramente identificados antes de o processo de leitura começar, uma vez que a introdução “to the indifferent reader” explica a metáfora cirúrgica do título: o narrador, qual cirurgião, “anatomized this handmaid of the Whore of Babylon; laying open her principal veins and sinewes”. O convento é comparado ao corpo pecaminoso que é autopsiado para revelar a verdade, enquanto o tratado (“treatise”) cirúrgico é – à semelhança de *A Watch-word to England to Beware of Traitors* (1584), de Anthony Munday, e *A Marvellous Combat Contrarieties* (1588), de William Averell – “a preservative” against “Popery” (vii). Conspirações e comportamentos desviantes católicos como os descritos por Robinson eram vistos como causas da decadência política e moral, e através da identificação da Roma católica com a ‘whore of Babylon’¹⁴ – um das mais fortes metáforas anti-católicas – e do Papa com o anti-Cristo, o catolicismo, enquanto sinónimo de subversão política e imoralidade, era representado como prostituição espiritual. A par da literatura protestante mais ‘séria’, textos como *AENL* assumem-se como poderosas estratégias da luta anti-católica, textualizando o narrador propositadamente o espectáculo do convento às avessas para ridicularizar os seus residentes. Em Lisboa, o Confessor age com total liberdade, enganando até o Papa, parecendo que na cidade e no convento as autoridades religiosas e sociais não têm qualquer valor ou poder, e no panfleto, tal como acontece em 1624 na obra *Foot Out of the Snare* (B2), de John Gee, também publicada por Robert Milbourne, a “carnival consciousness, a mode of thought characterized by the temporary inversion of the categories of everyday life” (Platter 1) prevalece no interior do convento-fortaleza. Assim sendo, as mulheres – que deveriam ser o centro da vida religiosa da comunidade – encontram-se incapacitadas de reagir, enquanto noviças

¹⁴ Vejam-se, por exemplo, Bale (c.1550); Barnes (1607); Fennor 1612 (17-18) e Henry Ainsworth 1624 (G6). Hill (1971) estuda a imagem da ‘Whore of Babylon’ como metáfora do corpo (feminino) corrupto da Igreja católica.

abastadas se tornam pobres noivas de Cristo e os frades, como maridos predadores, as transformam em mulheres subservientes.

O narrador reconta as suas experiências pessoais no interior da *nunnery*, e para legitimar os episódios (supostamente) autobiográficos e os pecados católicos estabelece com o leitor um 'pacto autobiográfico' (Lejeune 1989) ao descrever o que viu, leu e ouviu, informação verdadeira que recolheu e que vários mercadores ingleses influentes poderiam comprovar. De forma a ser percebido como uma autoridade na matéria em questão, o narrador apresenta-se como um 'emigrante' (*outsider*) que tem uma perspectiva mais alargada e que não analisa a realidade católica de forma tendenciosa, como acontece com os religiosos em Lisboa, pelo que está numa posição privilegiada enquanto observador protestante informado. Robinson – que se faz passar por católico em Lisboa e é contratado pelo convento numa altura em que qualquer ajuda masculina inglesa é bem-vinda (Foster 95) – autocaracteriza-se assim como a consciência autodiegética que denuncia humoristicamente os pecaminosos ingleses no exílio. Por sua vez, a comunidade católica reage imediatamente, e em Dezembro de 1622 o padre Foster redige *Answer to an Attack on the Nuns of Sion Contained in a Book Entitled 'The Anatomy of the English Nunnery at Lisbon' by Thomas Robinson*, que descreve o panfletista como um mentiroso oportunista (Foster 2006). Embora essa fonte declare que Robinson chegou a Lisboa depois de escapar da prisão na Irlanda (Foster 98-99), o panfletista poderia também ter sido estrategicamente infiltrado no convento como espião protestante para reunir informação e tentar prejudicar os católicos ingleses no estrangeiro e na própria Inglaterra.

O primeiro tema de *AENL* é o *estate* do convento, seguindo-se uma descrição das suas "manners and conservation" (2). O narrador informa os leitores que a Sion House (Abbey) em Inglaterra pertence (no momento da escrita) ao conde de Northumberland e apresenta uma breve história do estabelecimento da Ordem até à altura em que Henrique VIII pôs termo à "ignorância e superstição" católicas e iluminou a Inglaterra (3, tradução nossa). Padres como Richard Reynolds of Syon House (c.1492-1535) foram executados em Tyburn como traidores, e em Lisboa as freiras mandaram pintar essa execução nas paredes da igreja, "esteeming him as a holy Martyr" (3). A introdução do texto principal do panfleto familiariza o leitor com as origens da Ordem na Inglaterra, com os seus mártires masculinos e com as viagens da comunidade pelo continente enquanto "runnagates" vaticinavam, em vão, quer o seu regresso à Syon Abbey original, quer o início de uma "golden age" (4) na sua terra natal. Tal como o

romancista histórico, Robinson funde estrategicamente elementos reais e ficcionais para caracterizar a comunidade religiosa da forma que mais convém ao seu projecto ideológico-religioso. Muitos dos elementos da liturgia católica, como as relíquias, as imagens de santos e a confissão são assim alvos fáceis de ridicularização (Shell 2007), e depois de descrever a decadência da comunidade religiosa, o narrador critica a já referida obediência das freiras a homens cruéis em vez de a Deus. A comparação das religiosas a prostitutas começa na página 7 através de uma glosa marginal (“It is no great miracle for a whore to become a Nunne, nor for a Nunne to become a whore”), sendo a prática dos sete pecados mortais veiculada através de substantivos como vaidade, hipocrisia, orgulho, abundância, pecado e ócio, que, por sua vez, caracterizam a “dissembled sanctity” (13) do convento, enquanto a missa é apresentada como outra fonte de lucros, parte dos quais é enviada à comunidade católica de Yorkshire. Esses conventos são assim apresentados como ameaças para a segurança e para os interesses nacionais ingleses, uma vez que os Jesuítas não poupam esforços para prejudicar os “Heretique[s], as they account all Protestants” (23), e, como recorda Gee em 1624 (42), as conspirações católicas e os dotes de freiras inglesas “suck a great deale of money out of England”. Apesar de alguns estudos recentes (Cunich 42-43) demonstrarem que as brigittinas tinham mais liberdade do que outras ordens inglesas, em *AENL* as freiras de Lisboa vivem sem autonomia e razão, sendo exploradas por frades corruptos, que na literatura protestante simbolizavam tudo o que havia de errado na religião católica, sobretudo no que diz respeito à perigosa combinação de autoridade, dos vícios do catolicismo e da libido (Walker, *Gender* 116; Dolan, “Why Are Nuns Funny?” 527-530).

O narrador estimula a atenção do leitor ao apresentar informação como se fosse ‘má-língua secreta’, e quando narra episódios biográficos de Jesuítas e mercadores ingleses convertidos adopta estratégias tradicionais literárias como a estrutura cronológica do enredo, metáforas, comparações, sumários, elipses, humor e *suspense* (19-25). Por exemplo, na página 17 o leitor descobre que o padre alcoólico anteriormente referido (8) e identificado como Peter Consul (?-1634), é filho do Confessor, portanto, uma prova viva dos pecados católicos habilmente escondidos. O metódico narrador utiliza a memória e o testemunho visual como provas e formas de legitimação para criar a ilusão da verdade histórica, ou o ‘efeito do real’ (Barthes 84-89), com base no que viu, ouviu e leu em Lisboa e naquilo que ele “can at present remember” (8), ou seja, no momento da escrita. A investigação que Robinson levou a cabo consistiu na observação

directa e na consulta cuidada de documentos da Ordem (“booke of their house”:4) que legitimam a informação em primeira mão que lhe foi fornecida involuntariamente pelos religiosos, que assim lhe permitiram produzir um relato fidedigno (“true in the matter”:vi) dos seus pecados. Tal como acontece noutros relatos de viagem, os verbos ‘to see’, ‘to perceive’ e ‘to hear’ são recorrentes (11, 13, 22), pois o narrador observa, reflecte e finalmente toma uma decisão informada, pelo que a última secção do panfleto descreve a forma como ele foge do convento depois de ter concluído claramente que a “outward shew of holinesse was nothing but dissimulation, hypocrisie and lustful sacriledge” (26). A utilização desses verbos e a enumeração dos adjetivos e substantivos como os que acabei de citar criam uma imagem negativa da conduta da comunidade brigítina no interior do convento. No final da acção, Robinson tenta denunciar o padre Foster e algumas freiras ao escrever aos inquisidores de Lisboa, indicando outras testemunhas que poderiam atestar os factos por si relatados, como vizinhos e algumas religiosas. No entanto, o narrador nunca chega a enviar os seis artigos que estruturara cuidadosamente e que transcreve (26-28), pois o padre Foster encontra o documento e ordena-lhe que abandone Portugal. Robinson afirma que, caso viesse a ser necessário, defenderia tudo o que afirmou no panfleto, especialmente se tal lhe fosse pedido pelos familiares das mulheres inglesas que não podem pedir ajuda para serem libertadas de “such horrible and sacrilegious rapine and spoile” (30). Para terminar a sua missão com sucesso, Robinson segue a tradição literária protestante no que diz respeito à caracterização de freiras (depravadas) e frades (cruéis manipuladores) para demonizar o catolicismo por metonímia e exortar os familiares na Inglaterra quer a parar de enviar filhas para o continente, quer para resgatar as que lá estão.

Podemos assim concluir que o cliché recorrente da freira imoral e sexualmente activa é utilizado para criticar a hipocrisia católica e para avisar as mulheres inglesas – que não tinham exemplos de freiras no seu próprio país – sobre os perigos católicos, revelando o ataque ficcional e os mecanismos retóricos utilizados por Robinson sobre a complexa rede de estereótipos anti-católicos, figuras históricas, temas e camadas de metáforas zoológicas negativas utilizada para desacreditar a vida monástica e o catolicismo em geral. Como vimos, o narrador recupera estrategicamente heróis e mártires católicos que associa directa e indirectamente ao convento e presta atenção ao detalhe, por exemplo, através da lista final de freiras e frades, da citação e da paráfrase de documentos do convento para legitimar o que afirma, assumindo-se como o *outsider* que já fora *insider*, inserindo

assim na narrativa o tema do manuscrito enquanto fonte consultada que o legitima. Aliás, alguma da informação avançada por Robinson é historicamente verificável, nomeadamente os nomes dos membros da comunidade parodiada e alguns factos da história da Ordem, que, por sua vez, são fundidos com o mundo possível ficcional criado por Robinson para lhe atribuir verosimilhança. Fica, portanto, claro que o grupo de religiosos textualizado pelo panfletista é um constructo literário, uma paródia do convento real que é criticado ao ser colocado às avessas, pois na instituição não encontramos qualquer traço de castidade, espiritualidade, bondade ou perfeição. O narrador ignora propositadamente os *topoi* da vocação religiosa e da vida espiritual, descrevendo freiras e frades como pecadores cegos e cruéis, sem qualquer outro traço de personalidade. Uma das possíveis mensagens da obra poderá ser o facto de com o resgate das freiras em Lisboa pelos parentes ingleses, o protestantismo trazer luz e liberdade às trevas da prisão do catolicismo, iniciando-se uma nova ordem na Europa continental. Ao “publicar a verdade” sobre os “Romanistas” (30, tradução nossa), o narrador denuncia as mentiras católicas e auxilia os pais ingleses a salvar as suas filhas e familiares do sexo feminino, vítimas da depravação católica. Se os votos dos religiosos eram secretamente desrespeitados não seriam, então, válidos, e todas as autoridades religiosas e políticas em Portugal, bem como os familiares ingleses das mulheres eram enganados pelos frades. Como verificámos, Robinson recorre a diversos temas e estratégias literárias, bem como a estereótipos negativos associados pela tradição literária protestante aos religiosos católicos para, de uma forma realista e convincente, subverter propositadamente a vida religiosa da comunidade inglesa exilada em Lisboa.

OBRAS CITADAS

- Abernethie, Thomas. *Abjuration of Poperie*. Edimburgo: George Anderson, 1638.
- Ainsworth, Henry. *An Arrow against Idolatry. Taken out of the Quiver of the Lord of Hosts*. Londres?: sem editor, 1624.
- Albaladejo, Tomás Mayordomo. *Teoría de los mundos posibles y macroestructura narrativa*. Alicante: Universidad de Alicante, 1986.
- Almeida, Fortunato de. *História da Igreja em Portugal 2*. Lisboa: Livraria Civilização, 1968.
- Álvarez-Recio, Leticia. *Fighting the Anti-Christ: A Cultural History of Anti-Catholicism in Tudor England*. Brighton: Sussex Academic Press, 2011.

- Alves, Maria Paulo e Sérgio Infante. *Lisboa: Freguesia da Lapa*. Lisboa: Contexto Editora, 1992.
- Anónimo. *Reflections upon the Murders of St. Edmund-Bury Godfrey*. Londres: L. Curtiss, 1682.
- . *História dos Mosteiros, Conventos e Casas Religiosas de Lisboa*. Ed. Duarte Pires de Lima. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa, 1972 (c.1705).
- . *História do Colégio do Bom Sucesso*. Web. 25 Set. 2013. <<http://www.colegiobomsucesso.pt/historia-do-colegio>>.
- Aungier, George James. *The History and Antiquities of Syon Monastery*. Londres: J. B. Nichols, 1840.
- Bainbridge, Virginia. Propaganda and the Supernatural: The Bridgettine Nuns of Syon Abbey in Exile c.1539-1630". Ed. Fiona Reid e Katherine Holden. *Women on the Move: Refugees, Migration and Exile*. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2010. 25-41.
- Bale, John. *The Image of both Churches*. Londres: John Daye and William Seres, 1500.
- Baretti, Joseph. *A Journey from London to Genoa I*. Londres: T. Davies, 1770.
- Barnes, Barnabe. *Devil's Charter: A Tragedy*. Londres: John Wright, 1602.
- Barthes, Roland. "L'effet de reel". *Communications*. 11 (1968): 84-89.
- Becon, Thomas. *The Displaying of the Popish Masse*. Londres: A. Griffin, 1637.
- Bowden, Caroline. "Books and Reading at Syon Abbey, Lisbon in the Seventeenth Century." Ed. E. A. Jones e Alexandra Walsham. *Syon Abbey and its Books: Reading, Writing and Religion, c.1400-1700*. Woodbridge: Boydell and Brewer, 2010. 177-202.
- Bradley, Raymond e Norman Swartz. *Possible Worlds: An Introduction to Logic and Philosophy*. Oxford: Basil Blackwell, 1979.
- Burton, Robert. *The Anatomy of Melancholy*. Londres: Everyman Edition, 1932 (1621).
- Caeiro, Baltazar Matos. *Conventos de Lisboa*. Sacavém: Distri Editora, 1989.
- Capp, Bernard. *England's Culture Wars: Puritan Reformation and its Enemies in the Interregnum, 1649-1660*. Oxford: Oxford UP, 2012.
- Clark, Sandra. *The Elizabethan Pamphleteers: Popular Moralistic Pamphlets 1580-1640*. Madison: Fairleigh Dickinson UP, 1983.
- Colley, L.. "Britishness and Otherness: An Argument." *Journal of British Studies*. 31 (1992): 309-329.
- Corens, Lisbeth. "Catholic Nuns and English Identities. English Protestant Travellers on the English Convents in the Low Countries, 1660-1730." *Recusant History* 30/3 (2011): 441-459.
- Cunich, Peter. "The Brothers of Syon House, 1420-1695." Ed. Edward Alexander Jones e Alexandra Walsham 2010. *Syon Abbey and Its Books: Reading Writing and Religion, c.1400-1700*. Woodbridge: The

- Boydell Press, 2010. 39-81.
- De Hamel, Christopher. *Syon Abbey: The Library of the Bridgettine Nuns and their Peregrinations after the Reformation. An Essay*. Otley: Roxburghe, 1991.
- Dolan, F. E. *Whores of Babylon: Catholicism, Gender and Seventeenth-Century Print Culture*. Ithaca: Cornell UP, 1999.
- . "Why are Nuns Funny?" *Huntington Library Quarterly* 70/4 (2007): 509-535.
- Doležel, Lubomír. "Mimesis and Possible Worlds". *Poetics Today*. 9:3 (1988): 475-496.
- . "Fictional and Historical Narrative: Meeting the Postmodernist Challenge". Ed. David Herman. *Narratologies: New Perspectives and Narrative Analysis*. Columbus: Ohio State UP, 1999. 247-273.
- . *Possible Worlds of Fiction and History: The Postmodern Stage*. Baltimore: John Hopkins UP, 2010.
- Eco, Umberto. "Possible Worlds and Text Pragmatics: 'Un dramme bien parisien'". *Versus*. 19-20 (1978): 5-72.
- Ellis, Roger. *Viderunt Eam Filie Syon: The Spirituality of the English House of a Medieval Contemplative Order from its Beginnings to the Present Day*. *Analecta Cartusiana* 68/2. Salzeburgo: Universidade de Salzeburgo, 1984.
- Fennor, William. *Pluto his Travels or the Devil's Pilgrimage to the College of Jesuits lately Discovered by an English Gentleman*. Londres: Joseph Hunt, 1612.
- Fletcher, John Rory. *The Story of the English Bridgettines of Syon Abbey*. South Brent: The Burleigh Press, 1933.
- Forse, James. "How 'Black' was the 'Black Legend' in Elizabethan England?". *Shakespeare and Renaissance Association of West Virginia Selected Papers* 25 (2002):13-333.
- Foster, Joseph [Seth]. *Answer to an Attack on the Nuns of Sion Contained in a Book Entitled 'The Anatomy of the English Nunnery at Lisbon' by Thomas Robinson, London, 1622*. *Analecta Cartusiana* Vol. 244. Salzeburgo: Universidade de Salzeburgo, 2006 (1622). 85-121.
- Fuller, Thomas. *The Church of History in Britain* 3. Oxford: Oxford UP, 1845.
- Furst, Lilian R. *All Is True: The Claims and Strategies of Realist Fiction*. Durham: Duke UP, 1995.
- Gainsford, Thomas. *The Friars Chronicle: or, The True Legend of Priests and Monks Lives*. Londres: John Budge, 1623.
- Gee, John. *Foot Out of the Snare*. Londres: Robert Mylbourne, 1624.
- Gibbons, Katy. "'An Unquiet Estate Abroad'": The Religious Exile of Catholic Noblewomen and Gentlewomen under Elizabeth I". Ed. Fiona Reid e Katherine Holden. *Women on the Move: Refugees, Migration and Exile*. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2010. 43-58.

- Guilday, Peter. *The English Catholic Refugees on the Continent, 1558-1795*. Londres: Longmans, Green, 1914.
- Halasz, Alexandra. *The Marketplace of Print: Pamphlets and the Public Sphere in Early Modern England*. Cambridge: Cambridge UP, 1997.
- Harshaw, Benjamim. "Fictionality and Fields of Reference". *Poetics Today*. 5:2 (1984): 227-251.
- Harsnett, Samuel. *Declaration of Egregious Popish Impostures*. Londres: James Roberts, 1603.
- Herman, David, ed. *Narratologies: New Perspectives and Narrative Analysis*. Columbus: Ohio State UP, 1999.
- Herring, Francis. *Mischeefes Myserie; or, Treasons Master-Peece, The Powder-Plot*. Londres: E. Griffin, 1617.
- Highley, C. *Catholics Writing the Nation in Early Modern Britain and Ireland*. Oxford: Oxford UP, 2008.
- Hill, Bridget. "A Refuge from Men: The Idea of a Protestant Nunnery". *Past & Present* 117 (1987): 107-130.
- Hillen, Henry J. *History of the Borough of King's Lynn*. Wakefield: EP Publishing, 1978.
- Ishiguro, Hidé. "Contingent Truths and Possible Worlds". Ed. R. S. Woolhouse. *Leibniz: Metaphysics and Philosophy of Science*. Oxford: Oxford UP, 1981. 64-76.
- Johnston, F. R.. *Syon Abbey: A Short History of the English Bridgettines*. Londres: Eccles and District History Society, 1964.
- Jones, Edward Alexander e Alexandra Walsham. *Syon Abbey and its Books: Reading Writing and Religion, c.1400-1700*. Woodbridge: The Boydell Press, 2010.
- Jones, Malcom. *The Print in Early Modern England: An Historical Oversight*. New Haven: Yale UP, 2010.
- Kenneth, White. *A Seasonable Discourse of the Rise, Progress, Discovery, and utter Disappointment of the Gun-Powder Plot*. Londres: John Churchill, 1715.
- Knivet, Anthony. "The Admirable Adventures and Strange Fortunes of Master Antonie Knivet, which Went with Master Thomas Candish in his Second Voyage to the South Sea, 1591". Ed. Samuel Purchas. *Purchas his Pilgrimes*. Parte IV, livro 6. Glasgow: James MacLehose and Sons, 1906 (1625). 177-289.
- Lejeune, Philippe. *On Autobiography*. Minneapolis: U of Minnesota P, 1989.
- Lodge, David. *The Novelist at the Crossroads and other Essays on Fiction and Criticism*. Londres: Routledge, 1971.
- . *Modes of Modern Writing*. Londres: Edward Arnold, 1977.
- . "Analysis and Interpretation of the Realist Text". *Poetics Today* 1:4 (1980): 5-22.
- Machado, Diogo Barbosa. *Biblioteca Lusitana Vol. 1*. Lisboa: Oficina de António Isidoro da Fonseca, 1741.

- Maltby, William S. *The Black Legend in England: The Development of Anti-Spanish Sentiment 1556-1660*. Durham: Duke UP, 1971.
- Marotti, Arthur F., ed. *Catholicism and Anti-Catholicism in Early Modern English Text*. Basingstoke: Macmillan, 1999.
- . *Religious Ideology and Cultural Fantasy: Catholic and Anti-Catholic Discourses in Early Modern England*. Notre Dame: U of Notre Dame, 2005.
- McAvoy, Liz Herbert, ed. *Rhetoric of the Anchorhold: Space, Place and Body within the Discourses of Enclosure*. Cardiff: U of Wales P, 2008.
- McHugh, Anna. "Inner Space as Speaking Space in *Ancrene Wisse*". Ed. Liz Herbert McAvoy, *Rhetoric of the Anchorhold: Space, Place and Body within the Discourses of Enclosure*. Cardiff: U of Wales P, 2008. 83-95.
- Matheson, Peter. *The Rhetoric of Reformation*. Edimburgo: T&T Clark, 1998.
- Middleton, Lydia Miller. "Robinson, Thomas". Ed. Sir Leslie Stephen e Sir Sidney Lee. *Dictionary of National Biography* 17. Oxford: Oxford UP, 1973. 46.
- Middleton, Thomas. *A Game at Chess*. Ed. J. W. Harper. Londres: Ernest Benn, 1966 (1624).
- Misopapas, Philanax [pseud.]. *Rome's Rarities; or the Pope's Cabinet Unlock'd and Exposed to View*. Londres: James Norris, 1684.
- Moore Sir William. *The True Crucifix of the True Catholics*. Edimburgo: John Wreittoun, 1629.
- Morgan, J. *Phoenix Britannicus* 1. Londres: T. Edlin and J. Wilford, 1732.
- Morris, Pam. *Realism*. Londres: Routledge, 2003.
- Owen, Lewis. *The Unmasking of All Popish Monks, Friars, and Jesuits*. Londres: sem editor, 1628.
- Page, William, ed.. *The Manuscripts of the Earl of Dartmouth Vol. 3*. Londres: Her Majesty's Stationery, 1896.
- Parker, Andrew Mary Russo, et al. *Nationalism and Sexualities*. Nova Iorque: Routledge, 1982.
- Pavel, Thomas. "The Borders of Fiction". *Poetics Today*. 4:1 (1983): 83-88.
- . *Fictional Worlds*, Cambridge: Harvard UP, 1986.
- Peacey. *Politicians and Pamphleteers: Propaganda during the English Civil Wars and Interregnum*. Aldershot: Ashgate, 2004.
- Prance, Miles. *A True Narrative and Discourse of Several Years Very Remarkable Passages Relating to the Horrid Popish Plot*. Londres: sem editor, 1679.
- Puga, Rogério Miguel. "'I have heard..., seene and knowne': Carnivalising English Catholicism in Thomas Robinson's *The Anatomy of the English Nunnery at Lisbon* (1622)", no prelo.
- Raymond, Joad. *Pamphlets and Pamphleteering in Early Modern Britain*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- Redworth, Glyn. *The Prince and the Infanta: The Cultural Politics of the Spanish Match*. New Haven: Yale UP, 2003.

- Reis, Carlos. "Fait Historique et Référence Fictionnelle: Le Roman Historique". *Dedalus Revista Portuguesa de Literatura Comparada*. 2 (1992): 141-147.
- Riffaterre, Michael. *Fictional Truth*. Baltimore: The John Hopkins UP, 1993.
- Robinson, Thomas. *The Anatomy of the English Nunnery at Lisbon in Portugal: Dissected and Laid Open by one that Was Sometime a Younger Brother of the Convent. Who (if the Grace of God Had not Prevented him) might Have Grown as Old as in a Wicked Life as the Oldest amongst them*. Ed. E. M. Beloe. King's Lynn: Greenland Fishery Museum, 1916 (1622).
- Rogers, Timothy. *The Roman-Catharist: or the Papist is a Puritan*. Londres: sem editor, 1621.
- Santana, Francisco. "Inglesinhas, Convento das." Ed. Francisco Santana e Eduardo Sucena. *Dicionário de História de Lisboa*. Lisboa: Carlos Quintas e Associados, 1994. 466-467.
- Scott, Reginald. *The Discovery of Witchcraft*. Londres: sem editor, 1584.
- Sheldon, Richard. *A Survey of the Miracles of the Church of Rome, Proving them to Be Antichristian*, Londres: Butter, 1616.
- Sheils, William Joseph. "Thomas, Robinson". Ed. H. C. G. Matthew e Brian Harrison. *Dictionary of National Biography* 47. Oxford: Oxford UP, 2004. 409-410.
- Shell, Alison. *Catholicism, Controversy and the English Literary Imagination, 1558-1660*. Cambridge: Cambridge UP, 2006.
- . *Oral Culture and Catholicism in Early Modern England*. Cambridge: Cambridge UP, 2007.
- Spear, Valerie G.. *Leadership in Medieval English Nunneries*. Woodbridge: The Boydell Press, 2005.
- Torshel, Samuel. *The Womans Glorie*. Londres: John Bellamie, 1645.
- Twiss, Richard. *Travels through Portugal and Spain in 1772 and 1773*. Londres: G. Robinson, 1775.
- Underdown, David E.. *A Freeborn People: Politics and the Nation in Seventeenth-Century England*. Oxford: Oxford UP, 1996.
- Villanueva, Mário. *Theories of Literary Realism*. Albany: State U of New York P, 1997.
- Volli, Ugo. "Mondi Possibili, Logica, Semiotica". *Versus*. 19-20 (1978): 123-148.
- Wadsworth, James. *The English Spanish Pilgrime; or, a New Discoverie of Spanish Popery, and Jesuiticall Stratagemes*. Londres: Thomas Cotes-Michael Sparke, 1630.
- Walker, Claire. *Gender and Politics in Early Modern Europe: English Convents in France and the Low Countries*. Londres: Palgrave, 2003.
- . "Continuity and Isolation: The Bridgittines of Syon in the Sixteenth and Seventeenth Centuries". Ed. Edward Alexander Jones e Alexandra Walsham 2010. *Syon Abbey and Its Books: Reading Writing and*

- Religion, c.1400-1700*. Woodbridge: The Boydell Press, 2010. 74-81.
- Warren, Nancy Bradley. *Women of God and Arms: Female Spirituality and Political Conflict 1380-1600*. Filadélfia: U of Pennsylvania P, 2005.
- Willet, Andrew. *A Catholicon, that is, a General Preservative or Remedy against the PseudoCatholic Religion*. Cambridge: John Legat, 1602.
- Williams, Michael. "Paintings of Early British Kings and Queens at Syon Abbey, Lisbon." *Birgittiana* 1 (1996): 123-134.

Este estudo foi realizado no quadro do Projecto Estratégico PEst-OE/ELT/UI4097/2011, domiciliado no CETAPS (Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies) e financiado pela FCT- Fundação para a Ciência e a Tecnologia.